

COMO PODEMOS ENTRAR EM DIÁLOGO? METODOLOGIA TRANSDISCIPLINAR DO DIÁLOGO ENTRE PESSOAS, CULTURAS E ESPIRITUALIDADES¹

HOW CAN WE ENTER IN DIALOGUE? TRANSDISCIPLINARY METHODOLOGY OF THE DIALOGUE BETWEEN PEOPLE, CULTURES, AND SPIRITUALITIES

Basarab Nicolescu - Bolyai University e Stellenbosch University

RESUMO

Quando duas pessoas tentam se comunicar, há certamente um embate: representação contra representação; inconsciente contra inconsciente. Como esse enfrentamento é inconsciente, na maioria das vezes, gera um conflito. Um novo modelo de civilização é necessário, e a base para a sobrevivência do sentimento humano é o diálogo entre seres, nações, culturas e religiões. Para a formação de um novo modelo civilizacional, torna-se crucial o uso da metodologia da transdisciplinaridade.

Palavras-chave: Diálogo. Níveis de realidade. Terceiro excluído. Transdisciplinaridade.

ABSTRACT

When two people try to communicate there is inevitably confrontation: representation against representation, subconscious against subconscious. As this confrontation is subconscious, it often degenerates into conflict. A new model

¹ Traduzido por Jorge Adeodato.

of civilization is necessary, the keystone being the dialogue between human beings, nations, cultures and religions for the survival of humanity. In forming a new model of civilization the methodology of transdisciplinarity is crucial.

Key-words: Dialogue. Levels of Reality. Hidden Third. Transdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

Podemos realmente dialogar?

A palavra “diálogo” apareceu na verdade durante a fundação da modernidade, mas se referia apenas à natureza (GALILEI, 1962).

Cada pessoa tem seus preconceitos, convicções, representações inconscientes. Quando duas pessoas tentam se comunicar, há certamente um embate: representação contra representação; inconsciente contra inconsciente. Como esse enfrentamento é inconsciente, na maioria das vezes, gera um conflito.

A linguagem é o veículo dessas representações. Usamos as mesmas palavras, mas seus significados podem ser radicalmente diferentes, desse modo, somos manipulados por nossas próprias representações. O diálogo é estritamente impossível quando desenvolvido na ausência de uma metodologia do diálogo, pois conduzimos apenas um monólogo que caracteriza uma impossibilidade de estar no lugar do outro.

As mesmas considerações são aplicáveis às nações, às culturas, às religiões e às espiritualidades: interesses contra interesses; representações contra representações; dogmas contra dogmas; crenças espirituais secretas contra crenças espirituais secretas. A situação agrava-se em virtude do vasto número de línguas (mais de 6.000), cada uma com seu próprio sistema de representações e valores. É impossível traduzir-se de forma inteiramente precisa de uma língua a outra.

Além disso, as formas de destruição contemporâneas e a contínua devastação do meio ambiente também agravam esse quadro. Os inevitáveis

conflitos podem conduzir, pela primeira vez na história da humanidade, ao desaparecimento da espécie humana.

Um novo modelo de civilização é necessário, e sua base para a sobrevivência do sentimento humano é o diálogo entre seres, nações, culturas e religiões. Devemos, portanto, encarar algumas questões importantes:

- Qual é a metodologia do diálogo?
- É necessária, durante o diálogo, a suspensão de nossos preconceitos a fim de se alcançar uma “fusão de horizontes” (GADAMER, 1960)?
- São necessários o abandono da lógica binária e a adoção de uma lógica não clássica?
- Podemos dialogar sem primeiro identificarmos os níveis de realidade envolvidos?
- Como poderíamos levar a complexidade em consideração?
- O transcultural e o transreligioso são cruciais para uma metodologia do diálogo entre culturas e religiões?
- O diálogo entre culturas seria uma especulação social e política?
- O perigo da dissolução de culturas no contexto da globalização é real?
- Há grandes culturas, pequenas culturas e culturas em queda?
- Os povos mundo afora estão preparados para um verdadeiro diálogo entre culturas?
- Qual o papel da dimensão espiritual nesse diálogo?

Podemos responder todas essas perguntas ao adotarmos a metodologia da transdisciplinaridade.

Propus, em 1985, uma inclusão no significado de “transdisciplinaridade”, palavra introduzida por Jean Piaget (1972); desenvolvi, no decorrer dos anos, a ideia de “além das disciplinas” em meus artigos e livros, bem como em documentos oficiais internacionais. Muitos outros pesquisadores mundo afora contribuíram para o desenvolvimento da transdisciplinaridade. Um ano fundamental para esse desenvolvimento foi 1994, quando a Carta da Transdisciplinaridade foi adotada

pelos participantes do Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade (Convento de Arrábida, Portugal) (THE CHARTER..., 1994).

O ponto crucial aqui é o da condição do Sujeito.

“Além das disciplinas” significa particularmente o Sujeito e, mais especificamente ainda, a interação Sujeito-Objeto. A transcendência, inerente à transdisciplinaridade, é aquela do Sujeito.

O significado “além das disciplinas” conduz-nos ao território imenso do novo conhecimento, logo, torna-se sua principal consequência a formulação de uma metodologia da transdisciplinaridade. Ela nos permite claramente uma distinção entre multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

MULTIDISCIPLINARIDADE, INTERDISCIPLINARIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE

Multidisciplinaridade preocupa-se em analisar um tópico não apenas em uma disciplina, mas em várias a um só tempo. Qualquer questão será fundamentalmente enriquecida quando incorporamos perspectivas de diversas disciplinas. A multidisciplinaridade proporciona algo a mais à disciplina em questão, mas esse “algo” funciona sempre em exclusivo serviço da disciplina-mãe. Em outras palavras, a abordagem multidisciplinar expande fronteiras, mas seu propósito permanece restrito ao âmbito da pesquisa.

Interdisciplinaridade possui um objetivo diferente, preocupando-se com a transferência de métodos de uma disciplina para outra. Como a multidisciplinaridade, a interdisciplinaridade expande disciplinas, mas seu propósito ainda permanece restrito ao âmbito da pesquisa. Além disso, a interdisciplinaridade possui a capacidade de gerar novas disciplinas, da mesma forma que a cosmologia quântica e a teoria do caos.

Transdisciplinaridade ocupa-se com aquilo que está a um só tempo *entre* disciplinas, *transversalmente* às diferentes disciplinas e *além* de todas as disciplinas.

Sua finalidade é compreender o mundo atual, cujo um dos imperativos é a unicidade do conhecimento.

Como se pode perceber, não há oposição alguma entre disciplinaridade (incluindo aí multidisciplinaridade e interdisciplinaridade) e transdisciplinaridade; há, sim, um fértil complemento. Na verdade, não existe transdisciplinaridade sem disciplinaridade.

METODOLOGIA DA TRANSDISCIPLINARIDADE

Um feito extraordinário da transdisciplinaridade em nosso tempo foi, obviamente, a formulação de uma metodologia aceita e aplicada por um relevante número de pesquisadores em diversas partes do mundo.

O caráter axiomático da metodologia da transdisciplinaridade é um aspecto importante. Significa que se deve limitar os axiomas a um *menor* número. Qualquer axioma que possa ser derivado dos anteriormente postulados terá de ser rejeitado.

Após anos de pesquisa, cheguei aos três axiomas da metodologia da transdisciplinaridade, dispostos a seguir (NICOLESCU, 2002):

i. O *axioma ontológico*: existem, na Natureza e em nosso conhecimento dela, diferentes níveis de Realidade do Objeto e, correspondentemente, diferentes níveis de Realidade do Sujeito.

ii. O *axioma lógico*: a passagem de um nível da Realidade a outro é assegurada pela lógica do terceiro incluído.

iii. O *axioma epistemológico*: a estrutura da totalidade dos níveis de Realidade é uma estrutura complexa: cada nível é aquilo que é por conta da existência de todos os níveis ao mesmo tempo.

Os três axiomas acima fornecem uma precisa e rigorosa *definição da transdisciplinaridade*. Permita-me agora descrever introdutoriamente esses três axiomas transdisciplinares.

O AXIOMA ONTOLÓGICO: NÍVEIS DE REALIDADE

O conceito-chave para a abordagem transdisciplinar da Natureza e do conhecimento é o conceito de *níveis de Realidade*.

Aqui, o significado que concedemos à palavra “Realidade” é ao mesmo tempo pragmático e ontológico.

Por “Realidade”, tencionamos designar aquilo que resiste às nossas experiências, representações, descrições, imagens ou até mesmo formulações matemáticas.

À medida que a Natureza participa no estado do mundo, faz-se necessário assinalar uma dimensão ontológica do conceito de Realidade que não é meramente construção social, consenso de uma coletividade ou um acordo intersubjetivo. Ela detém uma dimensão transubjetiva: por exemplo, dados experimentais podem arruinar a mais bela teoria científica.

Claro, deve-se distinguir “Real” de “Realidade”. *Real* designa aquilo que é, enquanto *Realidade* conecta-se à resistência em nossa experiência humana. O “Real”, por definição, é para sempre uma incógnita; “Realidade” é acessível ao nosso entendimento.

Por “nível de Realidade”, designo uma série de sistemas invariáveis sob certas leis gerais (no caso de sistemas naturais) e determinadas regras e normas (no caso de sistemas sociais). Dois níveis de Realidade são diferentes caso ocorram, durante o trânsito de um para outro, quebra nessas leis, regras e normas e um rompimento em conceitos fundamentais (como, por exemplo, causalidade). Haveria aí, portanto, uma *descontinuidade* na estrutura dos níveis de Realidade.

Nossa abordagem emerge da coexistência entre a pluralidade complexa e a unicidade em aberto para um novo *Princípio de Relatividade: nenhum nível de Realidade constitui um local privilegiado de onde se pode compreender todos os outros níveis de Realidade*. Um nível de Realidade é aquilo que é por conta da existência de todos os outros níveis ao mesmo tempo. Esse Princípio de

Relatividade é o que origina uma nova perspectiva sobre religião, espiritualidade, política, arte, educação, história e sociedade. Quando nossa perspectiva a respeito do mundo modifica-se, muda-se o mundo.

Em outras palavras, a abordagem transdisciplinar não é hierárquica. Não há um nível fundamental. No entanto, sua ausência não constitui uma dinâmica anárquica, mas, sim, uma de coerência entre todos os níveis de Realidade já descobertos ou que serão descobertos no futuro.

Cada nível é caracterizado por sua *incompletude*: as leis que regem um nível são apenas parte de uma totalidade de leis que regem todos os níveis. Até mesmo a totalidade de leis não esgota inteiramente a Realidade: temos, ainda, de considerar o Sujeito em sua interação com o Objeto.

A zona entre dois níveis distintos e além de todos os níveis constitui uma zona de não resistência às nossas experiências, representações, descrições, imagens e formulações matemáticas. Simplificadamente, a transparência dessa zona é dada pelas limitações de nossos corpos e de nossos sentidos – limitações que se aplicam independentemente de quaisquer instrumentos usados para mensurá-los. Devemos, portanto, concluir que a distância topológica entre os níveis é finita. Entretanto, essa distância finita não significa conhecimento finito. Tomemos, como ilustração, um segmento em linha reta – ele contém um infinito número de pontos. De maneira similar, uma distância topológica finita pode conter um número infinito de níveis de Realidade. Há trabalho para ser feito até o fim dos tempos.

A unidade dos níveis de Realidade e a sua complementar zona de não resistência constituem aquilo que chamamos de Objeto transdisciplinar.

Inspirado pela fenomenologia de Edmund Husserl (1966), mantenho que diferentes níveis de Realidade do Objeto são acessíveis ao nosso conhecimento graças aos diferentes níveis de Realidade do Sujeito potencialmente presentes em nosso ser, assim como nos níveis de Realidade do Objeto a coerência dos níveis de Realidade do Sujeito pressupõe uma zona de não resistência. A unicidade dos níveis de Realidade do Sujeito e essa zona complementar de não resistência constituem aquilo que chamamos de *Sujeito transdisciplinar*.

As duas zonas de não resistência do Objeto e do Sujeito transdisciplinar deverão ser idênticas para que o Sujeito transdisciplinar comunique-se com o Objeto transdisciplinar. Um fluxo de consciência que, de forma coerente, atravessa diferentes níveis de Realidade do Sujeito deverá ter correspondência com o fluxo de informação que coerentemente perfaz diferentes níveis de Realidade do Objeto. Os dois fluxos são inter-relacionados, pois compartilham a mesma zona de não resistência.

Conhecimento não é exterior, tampouco interior: ele é, simultaneamente, exterior e interior. Os estudos do universo e do ser humano sustentam ambos.

A zona de não resistência faz ainda as vezes de uma *terceira* entre o Sujeito e o Objeto, um termo de Interação, que permite a unificação do Sujeito e do Objeto transdisciplinar ao passo que preserva suas diferenças. Chamarei esse termo de Terceiro Escondido.

Nossa partição ternária (Sujeito, Objeto, Terceiro Escondido) é, obviamente, diferente da partição binária (Sujeito v.s. Objeto) do realismo clássico.

O Objeto transdisciplinar e seus níveis de Realidade, o Sujeito transdisciplinar e seus níveis de Realidade e o Terceiro Escondido definem a abordagem transdisciplinar da Realidade. Baseados nessa estrutura ternária da Realidade, podemos deduzir diversas ternárias de *níveis epistemológicos* que são extremamente úteis na análise de situações concretas:

Níveis de organização – Níveis de estruturação – Níveis de integração

Níveis de confusão – Níveis de linguagem – Níveis de interpretação

Níveis físicos – Níveis biológicos – Níveis psíquicos

Níveis de ignorância – Níveis de inteligência – Níveis de contemplação

Níveis de objetividade – Níveis de subjetividade – Níveis de complexidade

Níveis de conhecimento – Níveis de compreensão – Níveis de ser

Níveis de materialidade – Níveis de espiritualidade – Níveis de não dualidade

O AXIOMA LÓGICO: O TERCEIRO INCLUÍDO

A incompletude das leis gerais que regem um dado nível de Realidade significa que, em um dado momento, é possível descobrir contradições na teoria que descreve o respectivo nível: deve-se postular, ao mesmo tempo, A e não A.

Contudo, nosso modo de pensar, científico ou não, é ainda governado pela lógica clássica, que não tolera contradições. Esta fundamenta-se em três axiomas:

1. *O axioma da identidade*: A é A.
2. *O axioma da não contradição*: A não é não A.
3. *O axioma do terceiro excluído*: não existe nenhum termo T (“T” de “terceiro”) que é ao mesmo tempo A e não A.

A História credits a Stéphane Lupasco (1900-1988) a demonstração de que a lógica do terceiro incluído é uma lógica válida, matematicamente formalizada, multivalente (com três valores: A, não A e T) e não contraditória (LUPASCO, 1951).

Na verdade, a lógica do terceiro incluído está na raiz da mecânica quântica: ela nos permite entender o princípio básico da sobreposição dos estados “sim” e “não” do *quantum*.

Nossa compreensão do axioma do terceiro incluído – a da existência de um terceiro termo T que a um só tempo é A e não A – torna-se completamente clara ao introduzirmos a noção de “níveis de Realidade”, que não existe na obra de Lupasco.

A fim de obter uma imagem clara do significado do terceiro incluído, permita-nos representar os três termos da nova lógica – A, não A e T – e suas dinâmicas associadas através do triângulo, no qual uma das vértices está situada em um nível de Realidade e as demais em outro. O meio incluído é, na verdade, um *terceiro incluído*. Caso permaneçamos em um único nível de Realidade, toda manifestação parece um embate entre dois elementos contraditórios. A terceira dinâmica, aquela do estado-T, é exercida em um nível de Realidade distinto, onde aquilo que percebemos como desunido está, de fato, unido; aquilo que parece contraditório é percebido como não contraditório.

É a projeção do estado-T em um mesmo nível de Realidade que produz a aparência de pares antagônicos e mutuamente excludentes (A e não A). Um único nível de Realidade pode apenas criar oposições antagônicas.

A ação da lógica do terceiro incluído em diferentes níveis de Realidade induz a uma estrutura aberta da unicidade dos níveis de Realidade. Tal estrutura tem consideráveis consequências à teoria do conhecimento, pois implica a impossibilidade de uma teoria completa em si mesma, já que *o conhecimento está sempre em aberto*.

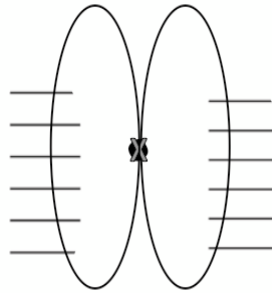
O AXIOMA EPISTEMOLÓGICO: A INTERDEPENDÊNCIA UNIVERSAL

Há diversas teorias da complexidade. Nelas, torna-se importante, para nosso estudo, entender que não há inclusão da noção de níveis de Realidade, tampouco da noção de zonas de resistência (CILLIERS; NICOLESCU, 2012). É, portanto, útil distinguir entre *complexidade horizontal*, que se refere a um único nível de realidade, e *complexidade vertical*, que concerne a diversos níveis de Realidade. De um ponto de vista transdisciplinar, complexidade é uma forma moderna do muito antigo princípio da interdependência universal.

TRANSREALIDADE E O TERCEIRO ESCONDIDO

Na abordagem transdisciplinar, o Sujeito e o Objeto estão imersos no Terceiro Escondido. O Sujeito transdisciplinar e seus níveis, o Objeto transdisciplinar e seus níveis e o Terceiro Escondido definem a Realidade transdisciplinar, ou a transRealidade (ver Figura 1).

Figura 1 – TransRealidade



O Terceiro Escondido, em sua relação com os níveis de Realidade, é fundamental à compreensão *unus mundus* descrita pela cosmodernidade. A Realidade é, simultaneamente, um único e múltiplo Um. Caso permaneçamos confinados ao Terceiro Escondido, a unicidade está indiferenciada, simétrica, situada no *não tempo*. Caso permaneçamos confinados aos níveis de Realidade, haverá apenas diferenças, assimetrias, situadas no tempo, então, considerar simultaneamente os níveis de realidade e o Terceiro Escondido introduz uma ruptura na simetria do *unus mundus*. Em verdade, *os níveis de Realidade são gerados precisamente através dessa ruptura de simetria apresentada pelo tempo*.

Na abordagem transdisciplinar, o Terceiro Escondido aparece como a fonte de conhecimento, mas, por sua vez, necessita do Sujeito para conhecer o mundo: o Sujeito, o Objeto e o Terceiro Escondido estão inter-relacionados.

Culturas e religiões não se preocupam, como fazem as disciplinas acadêmicas, com fragmentos dos níveis de Realidade: elas simultaneamente envolvem um ou vários níveis de Realidade do Objeto; um ou vários níveis de Realidade do Sujeito; e zona de não resistência do Terceiro Escondido. A tecnociência está inteiramente situada na zona do Objeto, enquanto as culturas e religiões atravessam todos os três termos: o Objeto, o Sujeito e o Terceiro

Escondido. Tal assimetria demonstra a dificuldade de diálogo: este pode apenas ocorrer havendo a *conversão* da tecnociência em direção aos valores, isto é, quando a cultura tecnocientífica tornar-se uma verdadeira cultura (NICOLESCU, 2004). Essa conversão é precisamente aquilo que a transdisciplinaridade pode efetivar. Trata-se de um diálogo metodologicamente possível, pois o Terceiro Escondido atravessa todos os níveis de Realidade.

A tecnociência está numa situação um tanto paradoxal, pois ela é, por si mesma, cega aos valores. Entretanto, inserida no diálogo entre culturas e religiões, torna-se a melhor mediadora possível de uma reconciliação entre as mais distintas delas.

O *homo religiosus* existe desde as origens da espécie humana, no momento em que o ser humano tentou entender o sentido da nossa vida. O *sagrado* é nosso domínio e tentamos capturar o invisível a partir da visão que este tem do mundo perceptível. Nossa linguagem é aquela do imaginário, uma que tenta penetrar os mais altos níveis de Realidade – parábolas, símbolos, mitos, lendas, revelações.

Homo economicus é uma criação da modernidade. Acreditamos apenas no que é visto, observado, medido. O *profano* é o nosso domínio, nossa linguagem é aquela de apenas um nível de Realidade, acessível através da mente analítica – ciências duras e ciências brandas, tecnologia, teorias e ideologias, matemática, informática.

A única maneira de evitar um impasse no debate entre *homo religiosus* vs. *homo economicus* é adotar uma hermenêutica transdisciplinar (NICOLESCU, 2007). A hermenêutica transdisciplinar é resultado natural da metodologia transdisciplinar. Ela é capaz de identificar o germe comum do *homo religiosus* e do *homo economicus*, que pode ser chamado *homo sui transcendentalis*.

A hermenêutica transdisciplinar evita a armadilha da tentativa de formular-se uma superciência ou uma super-religião. A unicidade do conhecimento somente pode ser aberta, complexa e plural.

A pessoa humana aparece apenas como uma interface entre o Terceiro Escondido e o mundo. Suprimir o Terceiro Escondido do conhecimento significa um

ser humano unidimensional, reduzido a células, neurônios, *quarks* e partículas elementares.

Uma teoria unificada dos níveis de Realidade é crucial na construção de um desenvolvimento e de um futuro sustentável. As considerações elaboradas até o momento acerca desses assuntos são baseadas em pensamentos reducionistas e binários: tudo se reduz a sociedade, economia e meio ambiente. O nível individual da Realidade, o nível espiritual da Realidade e o nível cósmico da Realidade são completamente ignorados. Futuros sustentáveis, tão necessários à nossa sobrevivência, podem apenas ser embasados em uma teoria unificada dos níveis de Realidade.

ÉTICA TRANSDISCIPLINAR E O ANTROPOCENO

As consequências éticas de uma visão tal da realidade são cruciais ao contexto do *Antropoceno*. Uma delas pode ser a existência, pela primeira vez na história, do perigo da aniquilação de toda a espécie humana (HAMILTON, 2010). Como Clive Hamilton afirma em seu livro *Requiem for a Species*, é difícil aceitar a ideia de que os seres humanos podem mudar a composição da atmosfera da Terra a ponto de destruir sua própria civilização e espécie. Pode-se prever a elevação do nível do mar em vários metros durante este século, bem como a total dissolução das geleiras do Ártico em uma ou duas décadas. Pode-se, inclusive, antecipar que todo o gelo do planeta desaparecerá dentro de alguns séculos, elevando o nível do mar em cerca de 70 metros. Do nosso ponto de vista, de acordo com Clive Hamilton, não é a tecnologia que salvará nossa espécie, mas sim uma mudança radical da nossa visão da realidade. A realidade é *Una*. Por um futuro sustentável, temos de considerar simultaneamente todos os níveis de Realidade e também o Terceiro Escondido.

Somos parte do movimento ordenado da Realidade. Nossa liberdade consiste em aderir ao fluxo do movimento ou perturbá-lo. Podemos responder a esse movimento ou impor sobre ele nossa própria força de vontade e dominação.

Nossa responsabilidade é construir futuros sustentáveis em consonância com o movimento da Realidade.

Estamos vislumbrando uma nova era – a *cosmodernidade* –, fundamentada em uma nova visão da interação contemporânea entre ciência, cultura, espiritualidade, religião e sociedade. *Cosmodernidade* significa, essencialmente, que toda entidade no universo é definida por sua relação com outras entidades. O ser humano, por sua vez, relaciona-se como pessoa ao Grande Outro, ao Terceiro Escondido. Retoma-se a antiga ideia do cosmos, onde todos somos participantes ativos (NICOLESCU, 2014).

A realidade é plástica. A realidade não é algo que é exterior ou interior a nós: ela está, simultaneamente, fora e dentro. Somos parte dessa Realidade que se modifica por conta dos nossos pensamentos, sentimentos e ações. Isso significa que somos inteiramente responsáveis por aquilo que a Realidade é. O mundo movimenta-se, vive e oferta-se ao nosso conhecimento graças a estruturas ordenadas de algo que está continuamente modificando-se. Realidade é, portanto, racional; sua racionalidade é múltipla, estruturada em níveis. Os níveis de Realidade correspondem aos *níveis de compreensão*, em uma fusão do conhecimento com o ser, em que todos os níveis de Realidade estão entrelaçados. O mundo é, ao mesmo tempo, cognoscível e incognoscível.

O Terceiro Escondido entre Sujeito e Objeto nega qualquer racionalização. Portanto, Realidade é, também, *transracional*. O Terceiro Escondido condiciona não apenas o fluxo de informações entre o Sujeito e o Objeto, mas, também, aquele entre os diferentes níveis de realidade do Sujeito e entre os diferentes níveis de realidade do Objeto. Essa descontinuidade é compensada pela continuidade das informações mantidas pelo Terceiro Escondido. Fonte da Realidade, o Terceiro Escondido alimenta-se desta, em um sopro cósmico que inclui a nós e o universo.

O mistério irreduzível do mundo coexiste com as maravilhas descobertas pela razão. O desconhecido penetra todos os poros do conhecido; sem o conhecido, o desconhecido seria uma palavra oca. Todo ser humano na Terra

reconhece sua face em qualquer outro ser humano, independentemente de suas crenças religiosas ou filosóficas particulares, e toda a humanidade se reconhece na Alteridade infinita.

Uma nova espiritualidade, livre de dogmas, já está potencialmente presente em nosso planeta. Há sinais e discussões a respeito de seu nascimento, seja na física quântica, seja no teatro, na literatura e na arte (NICOLESCU, 2014). Estamos na alvorada de uma verdadeira Nova Renascença, que pede uma consciência nova, cosmoderna.

REFERÊNCIAS

CILLIERS, Paul; NICOLESCU, Basarab. Complexity and Transdisciplinarity: Discontinuity, Levels of Reality and the Hidden Third. **Futures**, v. 44, n. 8, p. 711-718, 2012.

GADAMER, Hans-Georg. **Gesammelte Werke, Hermeneutik I: Wahrheit und Methode**. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1960.

GALILEI, Galileo. **Dialogue Concerning the Two Chief World Systems, Ptolemaic and Copernican**. Trad. Stillman Drake; foreword by Albert Einstein. Berkeley: University of California Press, 1962.

HAMILTON, Clive. **Requiem for a Species: why We Resist the Truth about Climate Change**. London: Earthscan, 2010.

HUSSERL, Edmund. **Méditations cartésiennes**. Paris: Vrin, 1966.

LUPASCO, Stéphane. **Le principe d'antagonisme et la logique de l'énergie: prolégomènes à une science de la contradiction**. Paris: Hermann & Cie, 1951.

NICOLESCU, Basarab. **Nous, la particule et le monde**. Paris: Le Mail, 1985.

NICOLESCU, Basarab. **Manifesto of Transdisciplinarity**. Trad. Karen-Claire Voss. New York: State University of New York (SUNY) Press, 2002.

NICOLESCU, Basarab. Toward a Methodological Foundation of the Dialogue Between the Technoscientific and Spiritual Cultures. In: MOREVA, Liubava (Ed.). **Differentiation and Integration of Worldviews**. Sankt Petersburg: Eidos, 2004. p. 139-152.

NICOLESCU, Basarab. Transdisciplinarity as Methodological Framework for Going beyond the Science and Religion Debate. **Transdisciplinarity in Science and Religion**, n. 2, p. 35-60, 2007.

NICOLESCU, Basarab. **From Modernity to Cosmodernity**: Science, Culture, and Spirituality. New York: State University of New York (SUNY) Press, 2014.

PIAGET, Jean. L'épistémologie des relations interdisciplinaires. In: APOSTEL, L. *et al.* (Ed.). **L'interdisciplinarité**: Problèmes d'enseignement et de recherche. Paris: Centre pour la Recherche et l'Innovation dans l'Enseignement; Organisation de Coopération et de développement économique, 1972. p. 131-144.

THE CHARTER of Transdisciplinarity. Paris: CIRET, 1994. Disponível em: <<http://ciret-transdisciplinarity.org/index.php>>. Acesso em: 23 jul. 2014.

Artigo recebido em: 04/05/2015.